



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM
RELAÇÕES INTERNACIONAIS PARA
DOCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**O ACOLHIMENTO E A INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS BOLIVIANOS NA ESCOLA
INICIANDO UMA AUTOETNOGRAFIA DAS VIVÊNCIAS**

JACQUELINE CRISTINA DA SILVA

Foz do Iguaçu
2024



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM RELAÇÕES
INTERNACIONAIS PARA DOCENTES DA
EDUCAÇÃO BÁSICA**

O ACOLHIMENTO E A INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS BOLIVIANOS NA ESCOLA

INICIANDO UMA AUTOETNOGRAFIA DAS VIVÊNCIAS

JACQUELINE CRISTINA DA SILVA

Artigo apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Relações Internacionais para docentes da educação básica.

Orientador: Anaxs Fernando.

Foz do Iguaçu
2024

JACQUELINE CRISTINA DA SILVA

**O ACOLHIMENTO E A INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS BOLIVIANOS NA ESCOLA:
INICIANDO UMA AUTOETNOGRAFIA DAS VIVÊNCIAS**

Artigo apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana como requisito parcial para a conclusão do curso de Especialização em Relações Internacionais para docentes da Educação Básica.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. (Titulação) (Nome do/a orientador/a)
UNILA

Profa. (Titulação) (Nome do/a Professor/a)
(Sigla da Instituição)

Profa. (Titulação) (Nome do/a Professor/a)
(Sigla da Instituição)

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo da autora: Jacqueline Cristina da Silva

Curso: Especialização em Relações Internacionais para docentes da educação básica

Tipo de Documento	
(.....) graduação	(.....) artigo
(X) especialização	(X) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....)

Título do trabalho acadêmico: O acolhimento e a interação entre grupos bolivianos na escola: iniciando uma autoetnografia das vivências.

Nome do orientador(a): Anaxsuell Fernando

Data da Defesa: ____/____/____

Licença não-exclusiva de Distribuição

A referida autora:

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Responsável

Dedico este trabalho aos professores e professoras que realmente amam a educação e buscam fazer o melhor para seus alunos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus e a minha família pelo empenho e dedicação em me ajudar e acreditarem nas minhas conquistas, ao meu orientador não só pela constante orientação neste trabalho, mas sobretudo pela sua amizade, por me ajudar a encontrar o meu caminho acadêmico quando me disse na orientação que este tema só confirmava a minha linha de pesquisa na corrida da pós - graduação, os estudos migratórios e incluo também a educação inclusiva.

Aos professores do curso e à banca examinadora pelas sugestões e atenção ao meu trabalho.

Aos colegas de curso e à Unila, que me ensinou a expandir meus conhecimentos e ver uma nova oportunidade na minha carreira

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso analisa o acolhimento e a interação dos alunos bolivianos em uma das escolas públicas que leciono na cidade de São Paulo - capital, observando a interação, o aprendizado e o impacto que pode trazer na formação de professores e no ensino. Através de uma autoetnografia das vivências que ajuda a compreender através dessa experiência no contexto escolar, as particularidades desse acolhimento e interação, aprofundando o entendimento do português como língua de acolhimento e acesso à escola, novos letramentos e multiletramentos, buscando também compreender a escola como um local rico não somente de conhecimento mas de empatia e solidariedade.

Palavras-chave: acolhimento; escola; bolivianos; interação; autoetnografia

RESUMEN

Este trabajo de finalización de curso analiza la recepción e interacción de estudiantes bolivianos en una de las escuelas públicas que imparto clases en la ciudad de São Paulo - la capital, observando la interacción, el aprendizaje y el impacto que puede tener en la formación y enseñanza docente. A través de una autoetnografía de experiencias que ayude a comprender, a través de esta experiencia en el contexto escolar, las particularidades de esta recepción e interacción, profundizando la comprensión del portugués como lengua de recepción y acceso a la escuela, nuevas alfabetizaciones y multialfabetizaciones, buscando también comprender la escuela como un lugar rico no sólo en conocimiento sino también en empatía y solidaridad.

Palabras clave: recepción; escuela; bolivianos; interacción; autoetnografía

ABSTRACT

This course completion work analyzes the reception and interaction of Bolivian students in one of the public schools that teach classes in the city of São Paulo - the capital, observing the interaction, learning and impact that can have on training and education teacher. Through an autoethnography of experiences that helps to understand, through this experience in the school context, the particularities of this reception and interaction, deepening the understanding of Portuguese as a language of reception and access to the school, new literacy and multiliteracy, seeking to understand the school as a place rich in knowledge and empathy and solidarity.

Key words: reception; school; Bolivians; interaction; autoethnography

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
PARTE 1. O ACOLHIMENTO E A INTERAÇÃO	14
O DILEMA DA CHUVA	15
PARTE 2. LETRAMENTO E MULTILETRAMENTOS	16
PARTE 3. FORMAÇÃO DE PROFESSORES	20
METODOLOGIA	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	27

INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios da escola no século XXI, é reconhecer a escola como um espaço que não é apenas para adquirir conhecimento, mas um conjunto de práticas pedagógicas, metodologias ativas, tecnológica e acima de tudo, um espaço de interação e acolhimento, que nas suas particularidades, traz para a sociedade brasileira resultados importantes para construção cultural e social, em que acontecem as mediações com o mundo real e que busca ser compatível com os desafios da geração Z e os novos estilos de vida que da mesma surgem. A proposta deste trabalho de conclusão de curso é analisar o acolhimento e a interação dos grupos bolivianos na escola, através de uma autoetnografia das vivências buscando identificar e explorar as experiências percebidas no contexto escolar, compreendendo como perpassa os letramentos e multiletramentos através da análise da língua portuguesa como forma de acolhimento e como isso vem de encontro com as reflexões na formação docente.

No contexto escolar, nós temos além das práticas pedagógicas, o relato, a formação continuada, uma rede de apoio, e na prática docente observei as implicações de ensinar alunos oriundos de outras nacionalidades, pois a escola é um local multicultural. A cultura está em tudo que se faz e se fala, além de compreendermos as habilidades socioemocionais dos alunos e os contextos familiares que deles compõem. A autoetnografia perpassa as escolas que fiz parte do quadro de magistério, e como *Proatec* (Projeto de Apoio a Tecnologia e Inovação), na zona norte e leste de São Paulo, principalmente na zona leste, território que tem uma parte significativa de moradores bolivianos, de acordo com Cymbalista e Xavier (2007), um dos motivos da imigração boliviana no Brasil é o interesse econômico (Cymbalista e Xavier, pág. 122, 2007), sendo que se analisarmos os motivos anteriores os autores apontam claramente que havia um interesse em qualificação profissional.

De acordo com os autores,

os imigrantes que chegam da Bolívia (em sua maioria jovens) têm, em geral, um perfil de baixa qualificação profissional, de escolaridade média e variação de gênero equilibrada entre o sexo masculino e feminino. Trata-se de uma imigração voltada para o trabalho e para um ramo bastante específico da costura, no universo da indústria do vestuário. (Cymbalista e Xavier, pág. 123, 124, 2007).

Essa questão da baixa qualificação, é vista dentro do contexto escolar,

principalmente quando se refere ao ensino - aprendizagem, segundo Freitas e Silva (2015) “No Brasil, praticamente não existem pesquisas sobre crianças imigrantes na educação infantil. Esse tema, quando abordado, faz parte dos repertórios sociológicos e antropológicos que mantêm conexões com estudos migratórios, e só de forma secundária é associado às pesquisas sobre o cotidiano educacional.” (FREITAS E SILVA, 2015, pág. 683), isso também reflete nos estudos dos anos finais e ensino médio, nos estudos antropológicos é comum esses conceitos que envolvem o acolhimento e a interação, englobando os estudos de pertencimento, é necessário incentivar a pesquisa e a pesquisa-ação dos estudos, as etnografias e autoetnografias para que seja necessário o aprofundamento do que são os grupos escolares dos alunos bolivianos no cotidiano escolar. Os autores também apontam que “crianças desse universo ganham maior visibilidade”, no contexto educacional neste caso, “em momentos sombrios” (FREITAS E SILVA, 2015, pág. 683). Em que os autores alinham com os casos de escravidão e trabalho escravo. Dentro desse olhar do contexto imigratório, os levantamentos que fiz para obter as referências bibliográficas em sua grande maioria batiam de encontro com essas questões sombrias, o trabalho escravo, e outras como, a costura, o futebol, o acolhimento voltado para o adulto que chegava em São Paulo e se estabelecia na cidades nos pontos específicos já conhecidos pela população, e percebo que os estudos devem partir para novos paradigmas como, a escola como um caminho para o pertencimento de bolivianos e filhos de bolivianos letrados ou não, e uma preocupação com o assunto do currículo, buscando as habilidades da BNCC que perpassa o cotidiano e as vivências dos alunos bolivianos não somente assuntos gerais sobre cultura.

A educação básica deve ter um olhar específico para os alunos imigrantes que integram a escola, pois o acolhimento e ajuda na ampliação de políticas públicas para atender a população de bolivianos que estão inseridos principalmente na zona leste de São Paulo perpassa esses estudos que são levantados e desenvolvidos, abrindo espaço para novas discussões.

Na primeira parte desse trabalho de conclusão de curso, iremos abordar uma perspectiva importante do processo de compreensão da autoetnografia, o acolhimento, iremos identificar o que é acolher dentro dos fluxos migratórios e correlacionar os conceitos com a questão da interação na escola. Na segunda parte, iremos abordar a língua portuguesa como parte desse acolhimento, e examinando sua relação com os letramentos e multiletramentos dentro do contexto escolar, e como isso contribuiu para o acolher. Seguindo para formação de professores, na terceira parte e como somos

impactados por essa questão e após as considerações finais do trabalho de conclusão de curso.

PARTE 1. O ACOLHIMENTO E A INTERAÇÃO

Uma das características marcante em sala de aula, é a convivência, os alunos dos anos finais, principalmente, tem uma afinidade de acolhimento incrível que perpassa os muros das dificuldades interativas. Essas atividades são experiências para a incrível jornada escolar dos alunos, observo isso no comportamento durante o recreio, esse momento é revelador, pois quando os novos alunos transferidos ou migrantes chegam em sala de aula, automaticamente os alunos são recebidos por bolivianos ou filhos de pais bolivianos, e quando não são letrados na língua portuguesa, são assistidos por seus próprios colegas de turma, tem uma cooperação muito grande entre os mesmos e muitos se oferecem para traduzir o que está sendo dito, as instruções, regras ou conteúdo pedagógico. Sou professora Proatec (Projeto de Apoio a tecnologia e inovação), um dos papeis que desempenho na escola é auxiliar na tecnologia, e nas plataformas utilizadas pela Secretaria de Educação de São Paulo, Santos (2021) relata que,

os recursos da internet trouxeram novas possibilidades de interação, comunicação, colaboração e cooperação entre as pessoas, com o aporte de diversos conteúdos. Diante disso, o professor que atua no ensino e aprendizagem de línguas dispõe de ferramentas online que podem auxiliá-lo na construção de seus materiais educacionais e propiciar um ambiente favorável à interação na nova língua.” (SANTOS, pág. 67, 2021).

De fato, esses recursos ampliam a oportunidade do aluno de aprender rapidamente o idioma, e como proatec observei que através das plataformas e atividades lúdicas da internet conseguem acolher os demais. A plataforma que mais gostam, principalmente, os sextos anos é o *Matific*, que é uma plataforma que trabalha conceitos matemáticos com jogos interativos, para avançar nas fases os alunos devem resolver os problemas matemáticos que perpassam os conteúdos pedagógicos do currículo escolar.

Há uma troca muito importante entre os alunos, principalmente os bolivianos, eles conseguem fazer essa parte do acolhimento com muita facilidade, pois fazem disputas e criam suas próprias metas de acertos e avanços.

Um dos momentos de acolhimento e interação são os dos jogos, durante o intervalo das aulas, os alunos dos anos finais conseguem ter uma linguagem universal, os jogos interativos através das telas dos celulares ou notebooks, ou mesmo os de mesa e

de “chão” como cartas, faz com que mesmo não sendo falante da língua espanhola, os adolescentes conseguem compreender as reações dos demais alunos, pois os jogos que se utilizam são fáceis e tem uma capacidade de raciocínio rápida. A gamificação nas escolas é uma das metodologias ativas que mais atrai acolhimento, visto que, os alunos já estão inseridos nesse contexto, é uma forma de avaliar a multiplicidade de informações e aprendizado e também uma das formas multimodais de aprendizado. Há que se ter um olhar importante para essa metodologia, pois, durante os intervalos e recreios dos anos finais, ao andarmos nos corredores, observamos que os alunos conhecem os jogos, conseguem explicar como passar as fases mesmo não compreendendo a língua espanhola fluentemente.

Uma das questões que observei no contexto escolar é a busca pelo distanciamento da origem, explicarei, os filhos de bolivianos que nasceram aqui, fazem questão de deixar explícito que são brasileiros, nascidos aqui e que mesmo tendo pais que migraram para cá, suas origens brasileiras são importantes. A família é um caminho importante para esse sentimento, pois os pais são ativos no contexto escolar, estão sempre presentes nas reuniões, quando solicitados pela escola aparecem para conversar com a gestão, perguntam como devem ajudar os filhos a melhorarem no conteúdo, expressam sua preocupação com o aprendizado do filho,

A sensação de pertencimento acontece quando o aluno aprende a se comunicar em português, nada mais importante para um residente do que compreender a língua materna de sua nação residente. Após esse aprendizado, os grupos se formam e começam a fazer muitas atividades em conjunto, observo no caminho de casa até a escola que os grupos que se formam são bem dinâmicos, e não há estranhamento entre eles, apenas compartilham o momentos e falam em língua espanhola.

O DILEMA DA CHUVA

Um dos pontos mais importantes da interação, é a capacidade de fazer atividade em grupos, uma das questões que observei é que os bolivianos sempre caminham em grupo, e a diversão também perpassa os grupos formados por eles ao longo do dia a dia na escola. A diversão e a interação teve um dia atípico na escola, em São Paulo houve muitos temporais nos últimos dias de outubro de 2024, causando assim, alguns alagamentos e grandes poças de água no caminho. Em um dia cheio de atividades e falta de professores, estava em sala com o sétimo ano B, esperando dar o sinal para que as turmas fossem para casa, o céu se tornou cinza e um grande temporal desceu na escola,

e o pátio começou a encher de água, os alunos ficaram em extrema alegria por ver a água da chuva, os grupos se uniram e começaram a sair correndo de ponta a ponta no pátio, os sorrisos e a alegria que advinham deles remeteu a esse processo de acolhimento e interação, que fez com que os alunos conseguissem em uma brincadeira terem o mesmo propósito que é a diversão.

Concluo que a complexidade no acolhimento e interação vem de uma visão pré-determinada sobre a rotina da comunidade boliviana no contexto da cidade de São Paulo, são adolescentes marcados por essa visão de pertencimento e particularidades que atravessa os muros da escola, em que muitos professores e gestores já pré-determinaram, as comunidades bolivianas na escola demanda uma visão da prática pedagógica, como os alunos estão assimilando os conteúdos, as metodologias ativas que podem ajudar na comunicação e na interação professor x aluno, e na quebra dos estigmas que vem de uma questão social complexa. Acolher é minimizar os impactos ou resultados da constante imigração, é ter alteridade, compreender o outro e saber lidar com as limitações que advêm desse novo contexto.

O dilema da chuva é uma amostra do quando essa interação é saudável para o contexto escolar e necessária para a aprendizagem, pois a escola não é estática, ela se move, é dinâmica, reproduz conceitos e criam - se novos conceitos que impactam a realidade.

PARTE 2. LETRAMENTO E MULTILETRAMENTOS

Aqui, há uma necessidade grande de compreender os conceitos de língua e linguagem em que Santos (2021), citando Esser (2006) diz,

os conceitos de língua e linguagem que respaldam as soluções que emergiram das necessidades apresentadas pelos imigrantes, [...] são amparados pelas teorias de Esser (2006), que trabalha a língua a partir do conceito de migração. Esse autor esclarece que a linguagem tem um papel particularmente importante a desempenhar no processo de inserção social de migrantes e refugiados, pois é o meio de comunicação cotidiana e um recurso especial no contexto da educação e do mercado de trabalho. (SANTOS, pág. 67, 2021)

Diante disso, compreender a língua e a linguagem e a construção das mesmas nessa rotina escolar é importante para avaliar o acolhimento realizado nas escolas e

projetos dos quais os alunos estão inseridos. Almeida (2021) também apresenta conceitos importantes para essa análise, o acolher, integrar e socializar essas pessoas (ALMEIDA, pág. 100, 2021). Na sociedade civil surgiram muitos programas para auxiliar os imigrantes e refugiados nesse processo, e a escola não ficou para trás nesse contexto, mas qual a relevância social em se compreender a língua portuguesa como acolhimento? A língua portuguesa está nesse processo como Santos (2021) apontou acima em seu texto, de inserção social, quando há uma compreensão do idioma falado, o acolhimento acontece com mais clareza e rapidez e traz satisfação para ambas as partes, neste caso professor x aluno, e pertencimento para quem está sendo atendido. Assim, utiliza - se de letramento e multiletramentos para chegar à finalidade do aprendizado. O que é letrar? Soares (2009) define letramento como “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.” (SOARES, 2009, pág. 18). A autora continua dizendo que,

tornar-se letrado traz, também, consequências linguísticas: alguns estudos têm mostrado que o letrado fala de forma diferente do iletrado e do analfabeto. [...] aprender a ler e a escrever e, além disso, fazer uso da leitura e da escrita transformam o indivíduo, levam o indivíduo a um outro estado ou condição sob vários aspectos: social, cultural, cognitivo, linguístico, entre outros.(SOARES, 2009, pág. 37,38).

Assim, o processo de letramento é importante, pois os alunos com o acolhimento e a interação, conseguem ser letrados para avançar num processo de alfabetização, que é segundo Soares (2009) “a arte de ensinar e aprender a ler e a escrever”. (SOARES, 2009, pág. 47). Entendendo esse processo, a língua portuguesa parte como estratégia de auxílio para esse acolher.

O que é a língua portuguesa como acolhimento? Cabete (2010) traz um apontamento importante, segundo a autora, “embora a problemática do domínio da língua abranja todas as faixas etárias da comunidade imigrante, a investigação que se pretende levar a cabo restringe-se apenas à aprendizagem da língua por parte do imigrante jovem/adulto.” (CABETE, pág. 2, 2010), a autora revela que essa preocupação com a aprendizagem perpassa somente essa parte da população, como disse acima na introdução, é necessário ter um olhar para o aprendizado dentro da escola, pois lá acontece a mágica do pertencer, acolher e integrar nas faixas etárias escolares. Com a chegada dos alunos estrangeiros na escola, há um letramento nas atividades

desempenhadas em sala de aula, temos que ensinar o aluno a digitar no teclado com o dígrafos brasileiros, temos que orientar os alunos quanto a palavras importantes do nosso dia a dia, mesmo quando os alunos conseguem fazer isso, principalmente os sextos e sétimos anos, onde há dificuldades visíveis na alfabetização. Sempre pergunto para um aluno que veio de outro país e fala somente o espanhol, *comprendes? Gracias?* Busco me conectar ao novo mundo pedagógico que este aluno está construindo, pois é muito diferente aprender em uma escola pública, os alunos do Estado são mais abertos a opiniões e, aos diferentes. Gostam de metodologias ativas que os fazem pensar e estudar, questionam muito e cobram conteúdo. Relatam aos demais professores suas necessidades e queixas em sala de aula referente aos colegas, e nós como docentes, temos que aplicar sempre a ética para não fugirmos de nosso papel, direcionando esse aluno para a coordenação. A língua portuguesa, é uma ferramenta importante para dar esse passo, me conectar a esse novo mundo pedagógico através de uma tentativa não muito efetiva de falar espanhol, mas sempre perguntando em português para que o aluno compreenda que a nossa língua é o caminho para sua rotina no Brasil. Pois como Santos (2021) ensina, é um recurso especial, há uma necessidade de interação, conceitos importantes para que possamos fazer o acolhimento corretamente.

Os alunos falando da língua espanhola chegam na escola e encontram ajuda com os colegas mais próximos da língua, muitos bolivianos traduzem para o aluno as demandas repassadas pelos professores, ajudei vários alunos que chegaram da Bolívia e Venezuela que não compreendiam o que eu falava e conseguiram através dos colegas tradutores, mesmo não falando fluentemente, os mesmos conseguiam ajudar, por uma questão de afinidade também. Se voluntariaram para me ajudar, nessa questão há um jogo de empatia, solidariedade e compreensão, pois as escolas públicas do Estado de São Paulo, utilizam as plataformas digitais para aprendizado, por exemplo, Matific, Leia SP, Tarefas, Alura, Orientação de Estudos, entre outros. Cada plataforma é um novo letramento que faz com que o aluno busque aprender nesse novo contexto. Uma das plataformas que mais necessitam dos tradutores voluntários é o Leia e plataformas de orientação de estudos, muitos alunos bolivianos escrevem em espanhol nas redações, demonstrando o desafio do docente em compreender o que o aluno está opinando.

Com a convivência, tenho tido experiências importantes para o meu contexto docente, os alunos me ensinam palavras em espanhol, e isso traz uma relação de reciprocidade com a cultura e o interesse no cotidiano deles, aprendo cada vez mais, alunos bolivianos em muitas ocasiões não retornavam como eu queria o agradecimento,

um exemplo, filhos de bolivianos nascidos no Brasil, quando eu respondia em espanhol *gracias* por alguma atividade realizada por eles, me retornaram com um “obrigado” ou “obrigada”, revelando mais ainda essa questão do pertencimento. Concluo com o conceito que Moran (2000) traz sobre educação, o autor trabalhando o tema da educação e ensino diz que,

na educação o foco, além de ensinar, é ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, a ter uma visão da totalidade. Educar é ajudar a integrar todas as dimensões da vida, a encontrar nosso caminho intelectual, emocional, profissional, que nos realize e que contribua para modificar a sociedade que temos. Educar é colaborar para que os professores e alunos - nas escolas e organizações - transformem suas vidas em processos permanentes de aprendizagem. É ajudar os alunos na construção da sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional - do seu projeto de vida, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, sociais e profissionais e tornar-se cidadãos realizados e produtivos. (MORAN, 2000, pág. 12 e 13).

É uma educação inclusiva, que traz letramento e alfabetização para conquistar e buscar caminhos para ter uma sociedade mais justa. Essa integração de conceitos é necessário no ambiente escolar, pois criou - se uma cultura de inclusão voltada apenas para questões cognitivas, mas o acolhimento é um tema que perpassa essa visão da educação inclusiva e não deve ser descartada dos assuntos acadêmicos, principalmente, na educação que parte muitas vezes de análises sociológica e antropológica para compreender os fatos. De acordo com Montoan (2003, a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor nem anulando e marginalizando as diferenças nos processos pelos quais forma e instrui os alunos. E muito menos desconhecer que aprender implica ser capaz de expressar, dos mais variados modos, o que sabemos, implica representar o mundo a partir de nossas origens, de nossos valores e sentimentos. (MONTTOAN, 2003, pág. 12), isso é quebrar paradigmas, acolher com bases em uma relação empírica que não exclui a realidade do aluno, e no caso de grupos bolivianos essas particularidades que enriquecem o cotidiano na escola, a autora continua expondo que “a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os

demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral”. (MONTANO, 2003, pág. 16). Diante disso, deve-se buscar essa mudança de paradigmas, aprender com os grupos de bolivianos na escola e ensinar o corpo docente a olhar e aprender com esses processos inclusivos e acolhedores.

PARTE 3. FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Uma das questões mais importantes a serem observadas em sala de aula, é a formação do professor da educação básica para atender as demandas de alunos imigrantes que chegam nas escolas atualmente, a formação de professores é um debate longo e complexo pois a formação continuada é um papel que todo docente deve cumprir ao longo de sua jornada profissional. Mas qual o produto deve ser criado para se preparar para as demandas enfrentadas na sala de aula com os alunos imigrantes?

Na Secretaria da Educação de São Paulo, há um espaço para reunião de professores em que se podem conversar sobre essas questões complexas, que são os ATPCs (Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo) que acontece uma vez por semana na escola, além dos ATPCs realizados pela EFAPE (Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação do Estado de São Paulo, em que os professores assistam aulas sobre diversos temas, e especificamente sobre o seu tema de aula atribuída. Mas será que o professor da educação básica está preparado para lidar com o acolhimento de alunos imigrantes? Como estão sendo formados os professores para lidar com o acolhimento e letramento desses alunos? Os professores compreendem o sentido do acolher no contexto escolar? Sabem utilizar as multimodalidades apresentadas para que o aluno compreenda a língua portuguesa com mais facilidade?

Recordo – me, estava em sala de aula, eventualmente, primeiro ano do ensino médio, aula de biologia, sou professora de sociologia, mas naquele momento precisava fazer com que os alunos do primeiro ano compreendessem as funções do DNA, claro, princípios básicos, pois eram as primeiras aulas do bimestre, com o material digital na mão não senti medo de repassar esse conteúdo, pois são elementos importantes para nosso dia a dia e dificilmente quem prestou atenção nessa aula na escola em sua época esquecerá os conceitos. Era uma sala bem heterogênea, alunos brasileiros, bolivianos, interessados e me ative por um momento aos alunos desinteressados que me deixaram incomodada pois como professora eu prezo pela atenção, foco e disciplina, então

explicando o conteúdo tentei trazer discursos novos para a aula, a importância de compreender o conteúdo, de estudar, de se importar com os estudos, após a saída dos alunos da sala para irem até sua sala de destino, uma aluna boliviana me esperou e disse que queria falar comigo, ela disse que gostou da minha aula, e que me achou uma mulher muito empoderada porque eu passava o conteúdo certo, como deveria ser, agradei, conversamos sobre essa questão de se importar com os estudos e ela foi embora.

Essa experiência me deixou muito feliz e percebi que para ensinar os alunos, basta passar o conteúdo e procurar caminhos na comunicação para que os mesmos compreendam o que está sendo falado, me inserir no contexto da turma, conhecer o ritmo dela, e assim, compreender as formas de aprendizado de cada aluno. Moran (2000) fala que

o educador autêntico é humilde e confiante. Mostra o que sabe e, ao mesmo tempo, está atento ao que não sabe ao novo. Mostra para o aluno a complexidade do aprender, a nossa ignorância, as nossas dificuldades. Ensina, aprendendo a relativizar, a valorizar a diferença, a aceitar o provisório. Aprender é passar da incerteza a uma certeza provisória que dá lugar a novas descobertas e a novas sínteses. Os grandes educadores atraem não só pelas suas ideias, mas pelo contato pessoal. Dentro ou fora da aula chama atenção. Há sempre algo surpreendente, diferente no que dizem, nas relações que estabelecem, na sua forma de olhar, na forma de comunicar-se, de agir. São um poço inesgotável de descobertas. (MORAN, pág. 17,2000).

Aqui demonstra como a formação dos professores é importante para o crescimento dos índices de aprendizado nos grupos de alunos bolivianos, que ao terem contato com o currículo conseguem se adequar a nossa diversidade de assuntos e habilidades propostas. Como menciona Moran (2000), não é apenas ensinar, é buscar novos caminhos, é compreender o mundo dos alunos bolivianos e demais nacionalidades, buscar compreender as relações interpessoais e o como é a cultura boliviana, é buscar equidade, frente a um contexto de muito estigma e complexidades.

Como formar professores para letrar e alfabetizar alunos imigrantes?

Respondendo às suas necessidades mais intensas, pertencer!

A escola deve trazer o pertencimento para dentro dos assuntos do currículo,

buscando as habilidades da BNCC e dos assuntos cotidiano e as vivências dos alunos, através de projetos interculturais, que valorizam a cultura e os movimentos que dela se levanta, aqui a antropologia e os estudos sociológicos ajudariam, pois, a sociologia principalmente trabalha esses marcadores no currículo escolar, visando discutir meu papel no mundo e na sociedade, e como devo me conectar com o próximo em frente aos signos que traz consigo.

Um dos itens importantes na discussão do acolhimento, é a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, e não é diferente no contexto escolar essa questão quando se trata dos grupos de bolivianos nos quais o integram, há muitos alunos bolivianos com necessidades educacionais especiais, e percebo que é um dos pontos mais complexos nessa formação dos professores, são alunos muito ativos, e na escola que tenho mais contato com eles somente um tem uma cuidadora que ajuda a todo momento, em suas necessidades mais básicas, ir ao bebedouro, chegar até ao banheiro, andar pelos corredores em seus momentos de estresse. Muitos deles não são alfabetizados, e isso encontra – se em seus laudos, onde consta a avaliação médica explicando o motivo da não alfabetização. E como lidar com alunos com necessidades educacionais especiais que falam muitas palavras em espanhol? Eis mais um desafio para ampliar a formação dos professores no acolhimento e na percepção de buscar multimodalidades que ajudam ampliar o repertório e a interação. Os alunos bolivianos que tem esse contexto educacional na escola, conseguem se letrar nas atividades interativas, e o professor deve estar atento a essa abertura na sala de aula com as turmas, pois muitos deles conseguem interagir e são acolhidos pelos seus colegas. O letramento ocorre na interação, no lazer, nos jogos, nos vídeos do youtube, nas atividades artísticas que a maioria se revela serem muito bons, e na aceitação dos demais alunos.

Conclui-se que os professores devem buscar ampliar os conceitos sobre o acolhimento aos alunos bolivianos que fazem parte do contexto escolar das escolas de educação básica, buscando metodologias ativas para ampliar esse acolhimento para ajudar no letramento e alfabetização, como citado acima na introdução, há uma deficiência de estudos sobre esse acolhimento dentro do contexto escolar, pois a maioria dos estudos abarcam apenas o trabalho, a questão econômica e as mazelas que deles advém, os docentes devem ampliar sua visão para essas particularidades, até no atendimento aos pais que não falam claramente a língua portuguesa, e estarem atentos às mudanças de paradigmas, Moran (2000) incentiva em seu texto que “as mudanças na

educação dependem, em primeiro lugar, de termos educadores maduros intelectual e emocionalmente, pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas, que saibam motivar e dialogar. Pessoas com as quais valha a pena entrar em contato, porque desse contato saímos enriquecidos.” (MORAN, 2000, pág. 16). E firmarem compromisso com a formação continuada, além dos muros da escola, pois os grupos de bolivianos no contexto escolar tem pontos importantes que somente com essa amplitude do olhar cultural e empírico, da realidade que se pode chegar a respostas. Há um grande movimento para expandir as especializações na Educação Especial para atender alunos com diversas necessidades educacionais especiais, buscar a formação aprofundada em inclusão, que abrange todos os aspectos escolares, do acolhimento à uma educação familiar.

A formação continuada ajuda nas novas descobertas, novos olhares e na quebra dos estigmas.

METODOLOGIA

A autoetnografia é um desafio para as ciências humanas e sociais, neste trabalho de conclusão de curso, busquei relatar aos leitores a rotina do ambiente escolar, as experiências percebidas no cotidiano. Etnografar não é apenas descrever, é encontrar as particularidades dos contextos, perceber, olhar além do que está sendo visto e compreender as formas de acolhimento e interação fora das análises baseadas nos paradigmas e considerações impostas pela sociedade.

Relatar fatos não é fácil, perpassa a observação antropológica e sociológica, que pretende encontrar os significados nessas particularidades. Assim, a metodologia utilizada visa informar e trazer reflexão ao leitor, mas principalmente, questionamentos sobre a temática.

Este assunto abordado é complexo e intenso, pois traz uma abordagem na educação que se relaciona com a educação inclusiva e suas nuances. Os apontamentos na educação devem se unir com os conceitos antropológicos e sociológicos, deve se unir aos conceitos de inclusão, para que sejam feitas as perguntas certas para identificar quais são as evidências por trás da observação. Relatar é levantar dados, é avaliar os impactos do acolhimento da escola e buscar as respostas.

A educação deve ampliar os estudos imigratórios no contexto escolar e buscar os

instrumentos metodológicos para fazer esses estudos, com isso, as metodologias ativas no uso de suas tecnologias são importantes para fazer esses levantamentos, usando da observação para fazer a autoetnografia e assim, permitir que haja uma ponte para novas pesquisas de campo, para que surjam conteúdos e suporte para o acolhimento dos grupos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Moran (2000) fala com muita propriedade em seu livro, que ensinar é um processo social (inserido em cada cultura, com suas normas, tradições e leis), mas também é um processo profundamente pessoal: cada um de nós desenvolve um estilo, seu caminho dentro do que está previsto para a maioria. A sociedade ensina, as instituições aprendem e ensinam. Os professores aprendem e ensinam. Sua personalidade e sua competência ajudam mais ou menos. Ensinar depende também de o aluno querer aprender e estar apto a aprender em determinado nível (depende da maturidade, da motivação e da competência adquiridas). (MORAN, 2000, pág. 13). Com isso, o autor nos alerta para a importância de compreender as particularidades e os desafios do estudo dos grupos de imigrantes no contexto escolar, e a buscar aprimorar os estudos da inserção e o acolhimento de alunos bolivianos no contexto escolar.

Conclui-se que o acolhimento e a interação dos grupos bolivianos na escola é notada como uma instrumento de quebra de estigmas, pois os alunos procuram marcadores que os fazem pertencer ao cotidiano do povo brasileiro. Como sempre se autoafirmar, que são brasileiros natos e seus pais que vieram da Bolívia, são descendentes de bolivianos.

A formação de grupos é visível no contexto escolar, abrange um acolhimento e aceitação, os mais novos procuram se divertir e se juntam para jogar e conversar. Os mais velhos, maiores de treze anos procuram aceitação através dos grupos e namoro. Os adolescentes são unidos, buscando integrar quem chega de fora, rapidamente conseguem se inserir nos grupos, enriquecendo o contexto escolar.

Dentro da gestão e docência, é necessário um olhar amplo para a formação continuada, especializações e mestrados que tratam de assuntos referentes a imigração e migrações dentro das escolas, construção de artigos que relatam as vivências dos professores e a interação que podem derrubar os muros dos estigmatizados. A formação

de professores pode também perpassar cursos de capacitação e atualização sobre educação inclusiva que não tem um viés somente das necessidades educacionais especiais mas um viés do acolhimento, como cuidar, acolher, ajudar a suprir as necessidades dos alunos bolivianos que não são letrados, juntamente com o ensino.

A escola está realmente preparada para letrar os estudantes bolivianos que integram seu quadro de alunos? A discussão sobre o letramento vem com essa intenção, a escola deve buscar quebrar os paradigmas e novos signos, significados e significantes para compreender os grupos de estudantes que compõem a diversidade cultural do contexto escolar. Moran (2000) ensina que existem caminhos que facilitam a aprendizagem, ele diz que “de tudo, de qualquer situação, leitura ou pessoa podemos extrair informação ou experiência que nos pode ajudar a ampliar o nosso conhecimento, para confirmar o que já sabemos, para rejeitar determinadas visões de mundo, para incorporar novos pontos de vista.” (MORAN, 2000, pág. 22) Diante disso, cresce o interesse pelos alunos imigrantes e muda as visões de mundo construídas pela sociedade que não enriquecem e prepara para novas possibilidades.

Conclui-se também que o português como língua de acolhimento no contexto escolar, não deve vir só, mas com instrumentos que ampliam esse acolher, como o uso de tecnologias, que ajudam no desenrolar das conversas e interações no cotidiano escolar. O espanhol deve ser um assunto na formação de professores importante, pois é uma língua que funciona como um instrumento de ligação para que os alunos bolivianos que não são letrados no português sintam - se atendidos. E assim, interligar esse instrumento com a convivência, buscando compreender as vivências dos alunos, e com esse instrumento encontrar a melhor forma de alfabetizá-lo na língua portuguesa, isso também é acolher.

Este trabalho de conclusão de curso foi um desafio, pois falar de acolhimento entre alunos bolivianos no contexto escolar trouxe respostas importantes para os meus estudos na pós - graduação, concluo que os materiais desenvolvidos acerca dessa temática, deve observar a rotina dos grupos bolivianos, não como um grupo que emigra e se estabelecem em lugares em São Paulo, principalmente, para trabalho escravo.

É um grupo rico em cultura, que procura firmar suas raízes e heranças culturais e buscam conexões com o território em que habitam. Os estudos de letramento e alfabetização de grupos bolivianos na escola devem perpassar o acolhimento na escola, não olhando para os estigmas, mas para a interação dos alunos, o ponto forte deste trabalho de conclusão de curso, os estudos de educação inclusiva devem ter esses apontamentos em suas bases de estudos e ampliar redes de apoio no contexto escolar

para crescer essa temática na formação continuada e cursos específicos de formação de professores que os capacitem.

Concluo que é necessário olhar para o contexto escolar e a diversidade cultural que dela advém, incluir os grupos de bolivianos e demais alunos que chegam no contexto escolar necessitando de acolhimento, uma educação inclusiva de qualidade é aquela que encontra as particularidades do contexto escolar, acolhe, inclui, se importa!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mariana Eunice Alves de. O programa de português como língua de acolhimento na Universidade Federal do ABC: relato de experiência do ensino de língua portuguesa para refugiados. In.: Português como língua de acolhimento: práticas e perspectivas. São Paulo, Parábolas, 2021.

AMADO, R.S. O ensino de português como língua de acolhimento para refugiados. Revista da SIPLE, Brasília, ano 4, n. 2, out 2013. [online]. Acesso em 14 de outubro de 2024.

CABETE, M.A.C.S.S. O processo de ensino-aprendizagem do português enquanto língua de acolhimento. 2010. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.

CYMBIALISTA, Renato. XAVIER, Iara. A comunidade boliviana em São Paulo: definindo padrões de territorialidade. **Cadernos MetrÓpole**, p. 119-133, 1º semestre, 2007.

FREITAS, Marcos. SILVA, Ana Paula. Crianças bolivianas na educação infantil de São Paulo: adaptação, vulnerabilidades e tensões. **Cadernos de Pesquisa**, v.45 n.157 p.680-702 jul./set.,2015.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. **Novas tecnologias e mediação pedagógicas**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

SANTOS, Eliana Barbosa. Português como língua de acolhimento: uso da língua-alvo além da sala de aula. In.: Português como língua de acolhimento: práticas e perspectivas. São Paulo, Parábolas, 2021.

SÃO BERNARDO, Mirelle Amaral de Português como língua de acolhimento : um estudo com imigrantes e pessoas em situação de refúgio no Brasil / Mirelle Amaral de São Bernardo. -- São Carlos : UFSCar, 2016.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. - 3. ed. - Belo Horizonte:

Autêntica Editora, 2009.

MODESTO-SARRA, Luciana Kool. Português como língua de acolhimento: relato de uma prática pedagógica dentro de uma perspectiva intercultural. Work. Pap. Linguíst., 23(2), Florianópolis, 2022. Acesso em 13 de outubro de 2024.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar : o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna , 2003

<https://www.acnur.org/br/sobre-o-acnur/dados-refugiados-no-brasil-e-no-mundo>. Acesso em 14 de outubro de 2024 às 12h15.

